

Brasileiros invisíveis

J. Roberto Whitaker Penteadó

Há algum tempo, escrevi um artigo com este título para o Estadão. Tratava da ausência dos brasileiros não-brancos na publicidade, que raramente apareciam nos anúncios e comerciais com a importância e o destaque devidos a um contingente que representava mais da metade numérica da população e pelo menos um quarto do poder de consumo.

Não houve uma evolução espetacular, mas os anunciantes e suas agências passaram a ter mais cuidado em usar imagens “politicamente corretas”.

Há uma área, contudo, em que esses brasileiros não-brancos, não-europeus sobretudo afro-descendentes e populações indígenas ainda estão muito mal-representados. Refiro-me às salas de aula, em todos os níveis.

No meu curso primário, antigo de meio século, lembro-me da dificuldade que tínhamos para pesquisar sobre os “índios”. Com frequência, as imagens para os exercícios vinham de fontes americanas histórias em quadrinho e outras e os índios eram os rivais dos caubóis dos filmes sobre o Oeste (de lá). E só se falava deles quando se estudava o “descobrimento” dessa terra pelos portugueses, como populações exóticas de costumes bizarros.

Mais tarde, lendo alguns trabalhos de Darcy Ribeiro, surpreendi-me e maravilhei-me com a riqueza cultural desses povos “selvagens” que estão no alicerce da nossa ainda mal-compreendida identidade. E ouvi de Marcos Terena um “índio”: “nós somos melhores do que vocês, pois demo-nos o trabalho de aprender a língua dos brancos para poder ensinar a vocês a nosso respeito”.

O africano, este aparecia quando se estudava a escravidão, criando uma correlação perversa entre negro X escravo; confusão essa tão séria que até hoje pouco sabemos, de fato, tanto sobre os nossos ancestrais afro-brasileiros quanto sobre as realidades do sistema escravista. Isso vale para nós, os mais ou menos brancos, como para nós os mais ou menos negros. Com a saudável exceção da Bahia, onde se cultivava, seriamente, essa ancestralidade, há bem pouca coisa.

Muita coisa é, inclusive, tabu – como as religiões de origem africana, que, apesar de terem raízes mais antigas do que as do nosso cristianismo, foram forçadas a manter-se nas senzalas, sem jamais ter seu acesso permitido à casa grande. Até hoje, muitos brasileiros “brancos” consideram essas tradições como superstições de gente primitiva – sem saber rigorosamente nada sobre elas...

Para mim, a quebra do preconceito veio através da leitura de um pensador “wasp” de origem européia: Gore Vidal, em um ensaio crítico ao monoteísmo e propondo a revalorização das práticas politeístas. De fato, se refletirmos o quanto de miséria, perseguição e sofrimento as três grandes religiões monoteístas infligiram ao mundo, poderemos olhar para os deuses do Olimpo grego com certa nostalgia assim como aos mundos de Jaci e Tupã, Xangô e Oxalá.

Está mais do que na hora de resgatarmos oficialmente essas ancestralidades, para dar contornos mais verdadeiros à nossa identidade brasileira e deixarmos de ser “europeus” de segunda classe.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=180&ID=334>>. **Acesso em:** 5 ago. 2009.